



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIOANAL OIAPOQUE
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – CLII
Área de conhecimento: Ciências Humanas
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

MEMÓRIAS SOBRE A ATUAÇÃO DA FUNAI ENTRE O POVO WAJÃPI

OMOKATU WAJÃPI WAKÂ PÊ EREKO FUNAI REWARÃ OVÃÊ MÃ'Ê

Acadêmico:
Viseni Wajãpi

Orientadora:
Profa. Dra. Carina Santos de Almeida

Viseni Wajãpi

MEMÓRIAS SOBRE A ATUAÇÃO DA FUNAI ENTRE O POVO WAJÃPI

OMOKATU WAJÃPI WAKÂ PÊ EREKO FUNAI REWARÃ OVÃE MÃ'E

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – CLII, da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional de Oiapoque, na área de Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Intercultural Indígena, habilitação Ciências Humanas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carina Santos de Almeida

Oiapoque, fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Janejarã pela minha vida, por iluminar minha caminhada de estudo e por me apoiar durante o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII).

Dedico este trabalho aos colegas de formação do CLII que encerraram o curso primeiro que eu, pois significa um momento especial em nossas vidas. Aos amigos Japarupi, Tapenaiky e Tarakuasi, que apesar de não terminarem o curso, acompanharam-me durante essa caminhada e enfrentaram muitos momentos difíceis comigo.

Agradeço por conseguir alcançar o meu objetivo: finalizar os estudos na área de Ciências Humanas, pois passei muitas de minhas férias de trabalho na sala de aula do curso, durante quatro anos, enfrentando os desafios que se apresentavam.

Também aos professores do CLII que me deram força para conseguir estudar e me incentivaram. Agradeço a todos.

Agradeço aos narradores e sábios desta pesquisa que me transmitiram o que estava em suas memórias, eles me possibilitaram compreender a relação Wajãpi com a FUNAI, conhecimento importante que vai ajudar em minhas aulas e chegará às futuras gerações.

Aos meus pais e a minha família, meus grandes amigos. Ao meu pai – Kumai – que, mesmo sem estar comigo neste mundo, traz-me sua força invisível. A minha mãe – Ajareaty – que sempre me apoiou, quem me cuida desde pequeno, fonte de inspiração e emoção. Ao meu irmão – Marakujawar – que acredita na minha capacidade e coragem para encarar os desafios de viver fora da nossa cultura. Com imenso carinho, minhas irmãs, minhas esposas, meus filhos e filhas que suportaram minha ausência. Nunca esquecerei de todos.

Por fim, dedico este trabalho ao povo Wajãpi. Agradeço a minha família, ao meu avô que está vivo Waiwai. Agradeço ao meu tio – Seremete – irmão de meu pai, que percebeu, assim como os parentes, meu esforço e desejo para estudar, dando-me força, incentivo e estímulo, como disse Seremete: – “Vá em frente meu sobrinho filho, estude muito, um dia você será professor do nosso povo.”

Agradeço aos chefes, aos amigos, aos companheiros de movimento indígena: Jawaruwa, Jatuta Roseno, Makaratu, entre outros.

Obrigado a toda as Comunidades Wajãpi.

Para encerrar, reitero o agradecimento a Janejarã, nosso dono e criador!

RESUMO

Nós Wajãpi vivenciamos há muito tempo os contatos com os não índios, contudo, o indigenismo brasileiro alcançou-nos diretamente a partir da chegada entre nós da Fundação Nacional do Índio (Funai). Este estudo procurou compreender esse contexto da presença da Funai entre o meu povo a partir da década de 1970 e as relações estabelecidas com este órgão. Para conseguir entender este momento específico de nossa história entrevistei algumas pessoas do meu povo, que narraram suas memórias para esta pesquisa, assim, entrevistei Waiwai, Seremete, Joapirea e Ajareaty. Entrevistei também a antropóloga e pesquisadora Dominique Gallois, que esteve conosco nestes momentos de contato com a Funai. Recebi ajuda do professor Makaratu Wajãpi, que me orientou a conduzir o diálogo com os sábios, pois estava com dificuldades para desenvolver metodologicamente a pesquisa. Este trabalho é muito significativo para mim enquanto professor-pesquisador e liderança Wajãpi, pois particularmente contribuiu para alargar meus conhecimentos que transmito aos meus alunos, filhos e netos. Outrossim, esta pesquisa poderá apoiar o ensino nas escolas Wajãpi, porque registra histórias e memórias da atuação da Funai entre o povo Wajãpi.

PALAVRAS-CHAVE

Memórias – Povo Wajãpi – Funai

RESUMO EM WAJĀPI

Orojesa karamoe ve teamã karai kō re, ajaire te amō karai kō uu, indigenismo brasileiro ovãe oreupe Função Nacional do índio FUNAI. Āa jimo'ea omojikuwa FUNAI vãea eretarã kō pe ma'e reme 1970 reme amō jimorya ee kō. Tojenu katu karamoe reme warã ajawyi amogeta eretarã kō mō, omovyvy wakã me wyi ejimo'ea pe, amogeta Waiwai, Seremete, Joapirea amō Ajareaty. Amō amgeta teve teko re ojimo'e mǎ'e Dominique Gallois, āwi FUNAI re jesa reme ekoi ve iko. Epatavō promo'earã Makaratu mano pō jareko imogeta ayvu rerekoarã kō, na'ekalui amō rupi reme oejimo'ea re inō. Āa mosikoa amō rupi te eupe āwi tǎwi ije promo'earã amō teko re ajimo'e romō amō jovijǎ romō omovija etekokuwa ajawyi amojiapytǎ eremimo'ekō pe, eakarã werã pe amō epary kō pe. Āa teko re jimo'ea propatavō teve tǎ jimo'ea kō rupi, ojikusiwa te ajawyi, joakã me ekoi FUNAI Wajāpi kō pyri ovãe ma'e rewarã.

PALAVRAS-CHAVE EM WAJĀPI

Omokatu wakã me ereko wajāpi poropatāvō'arã ma'e

SUMÁRIO

1. SOBRE OS WAJÃPI	07
2. O SIGNIFICADO DESTA PESQUISA	13
3. NARRATIVAS WAJÃPI SOBRE OS <i>KARAI KÕ</i>	19
3.1 A liderança Kumai e a Funai	23
4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNAI ENTRE OS WAJÃPI	30
Considerações Finais	34
Referências	36

1. SOBRE OS WAJÃPI

O meu povo Wajãpi migrou do médio curso do rio Xingu há séculos atrás para a região que veio a ser chamada de Amapá. Migramos para viver melhor, longe dos inimigos. Alguns antigos do povo explicam que aqui no Amapá já havia outros Wajãpi vivendo quando a migração mais recente chegou, esses primeiros Wajãpi migraram por causa dos inimigos que tínhamos e que incomodavam a vida do povo. Por outro lado, outros antigos do meu povo contam que não haviam Wajãpi vivendo aqui na região do Amapá antes dessa grande migração.

Nós Wajãpi temos um modo de vida muito diferente dos não índios e dos outros povos indígenas. Nós temos uma cultura forte e não esquecemos nenhuma coisa. Nós sabemos nos pintar, sabemos cantar, sabemos criar nossos filhos, educar nossas crianças e cuidar do nosso corpo, sabemos fazer manejo de recursos naturais.

Temos um modo de morar muito diferente dos não índios e dos outros povos indígenas. Desde muito tempo atrás nós estamos sempre mudando de lugar. Sabemos procurar lugares bons para morar, onde o terreno é bom, a terra é boa, é bom de fazer roça. Onde é bom de caça e bom de peixe. Nós não moramos sempre no mesmo lugar sempre temos duas aldeias, hoje em dia sempre voltamos para aldeia onde tem posto de saúde, para nós fazer atendimento dos provisionais de saúde. As aldeias maiores são construídas pelo as famílias extensas e tem várias aldeias pequenas (PROTOCOLO DE CONSULTA WAJÃPI, 2014).

A minha terra se localiza no estado do Amapá, norte do Brasil, nos municípios de Pedra Branca do Amapari e Laranjal do Jari. A Terra Indígena Wajãpi (TIW) tem 607.017 mil hectares, foi demarcada e homologada em 1996. Os chefes Wajãpi se organizaram em grupos para fazer a demarcação do território, cada região levava seu grupo para trabalhar, os chefes também pediram apoio dos povos indígenas do Oiapoque para ajudar na demarcação, assim, Palikur, Galibi-Marworno e Karipuna também ajudaram.¹ Em 2015, nossa população era de aproximadamente 850 pessoas, vivendo em 81 aldeias espalhadas pela TIW. Em 2017, a população Wajãpi alcança 1.280 pessoas vivendo nas mesmas 81 aldeias.

¹ Nós Wajãpi costumamos chamar nossos líderes ou lideranças de “chefes”. Outros povos chamam de cacique.

Geralmente cada grupo familiar Wajãpi tem duas aldeias ou mais e passa uma parte do ano em cada uma delas, fazemos isso para realizar o manejo de lugar e para construção da roça, pois não temos costume de fazer roça sempre no mesmo lugar. A descentralização do uso e circulação da nossa terra, para nós Wajãpi, é fundamental. Sempre discutimos em nossas reuniões o nosso Plano de Gestão Socioambiental da Terra Indígena Wajãpi, para decidir como vamos utilizar e como vamos deixar os planos às futuras gerações.

A TIW pode ser dividida em regiões que são ocupadas por grupos políticos wajãpi diferentes e chamados de *wanã kō*. Estes são compostos por vários grupos familiares que formam as aldeias maiores. No nosso grupo, *wanã kō*, que pode ser compreendido como um subgrupo Wajãpi, temos uma forma própria de língua falada e diferente dos outros, pois cada subgrupo possui uma fala diferente. Esta característica é muito forte para nós Wajãpi. Respeitamos os cinco (5) subgrupos políticos. No passado nós não casávamos com os outros subgrupos políticos porque não dava certo, sempre ocorria brigas. Hoje isso não acontece mais, podemos realizar casamentos com outros subgrupos, não havendo mais “brigas de morte”, ainda que permaneçam as “brigas de boca” e inimizades.

Eu fiz parte do trabalho de demarcação da TIW, junto com o meu povo, desde a primeira etapa quando iniciou a abertura das clareiras. Em seguida participei da segunda e terceira etapas para fazer a abertura da mata para a demarcação, colocando as placas ao longo dos rios. Depois, com o passar do tempo, continuei a ajudar o meu povo e meus parentes, como na organização da limpeza das linhas secas (picadas) em algumas partes dos nossos limites. Nós temos cinco linhas secas e realizamos a limpeza a cada dois anos. Cada grupo forma suas turmas, a cada dois anos, para fazer seus trabalhos de limpeza coordenados pelos chefes que estão à frente da aldeia maior, com seu grupo *wanã kō*.

Para manter os trabalhos de limpeza, criamos os “fundos de vigilância”, contribuímos para a organização destes fundos e trabalhos em cada região, como nas aldeias Mariry, Yvyrareta, Aramirã e Ytuwasu. É dessa forma que organizamos os trabalhos de limpeza. Os “fundos de vigilância” são formados a partir do apoio de todos os assalariados que fazem contribuição, como professores, Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e de Saneamento (AISAN), merendeiras, serventes, diretor da escola, aposentados, pilotos de barco; todas essas pessoas fazem contribuição ao “fundo de vigilância”.

Essa organização nos dá autonomia para não depender dos órgãos do governo que, raramente apoiam este trabalho. Temos consciência que o governo nunca vai apoiar a cuidar das nossas terras e nem repassar recursos para a execução da manutenção da

limpeza e vigilância. Estamos se organizando de uma forma própria para conseguir recursos para que nós mesmos possamos fazer a limpeza das picadas e a manutenção. Precisamos nos organizar para manter nossa floresta em pé. Temos que fortalecer o manejo de árvores frutíferas nativas, se não fizermos o manejo as novas gerações não terão alimentos, com essas ações estamos preparando o futuro de nossos filhos e netos.

Eu faço parte deste contexto amplo e complexo da organização social que existe nas aldeias do meu povo Wajãpi. Vivemos de forma muito diferente dos não índios e dos outros povos indígenas. Promovemos a nossa circulação e mobilidade em nossas terras. Essa noção de mobilidade ou mudança vem de muito tempo atrás. Mudamos para procurar novas aldeias, fazemos isso antes de acabar com os recursos naturais em determinada aldeia. É uma forma antiga de fazer o manejo e a conservação do ambiente.

Por sinal, diferentemente dos não índios, não precisamos de cursos ou oficinas para aprender a fazer o manejo, praticamos há centenas de anos essa prática. São os não índios que devem aprender conosco. O meu povo respeita e costuma falar que se não fizermos o manejo dos recursos naturais, os “donos” destes podem nos agredir por não respeitar as regras de uso. Não vemos, pelo nosso limitado olhar, esses “donos”, somente os pajés são capazes de ver os espíritos, que são os donos dos recursos naturais. Tudo isso nós respeitamos até hoje. Eu respeito muito as regras de uso dos recursos naturais, que são muito importantes em minha vida e para garantir o futuro dos meus netos. Assim, pensando nos meus netos e nas futuras gerações, afirmo que é muito importante respeitar as regras de uso sustentável dos recursos naturais.

Nesse estudo eu procurei compreender melhor o contexto de vida dos Wajãpi com os não índios e com a Fundação Nacional do Índio (Funai), pois esses momentos foram marcantes e decisivos para o meu povo. Nesta pesquisa, embasada em lindas histórias contadas pelos antigos, eu pude descobrir como surgiu a criação dos homens brancos. Nós Wajãpi chamamos estes não índios de *karai kô*, estes últimos surgiram dos nossos ancestrais e voltaram entre nós depois de muitos anos. O povo Wajãpi sabe como surgiu os brancos na história. Para nós, os não índios surgiram pela chuva, quando duas crianças caíram da chuva. Foi a liderança Seremete Wajãpi – entrevistada neste trabalho – quem me contou essa história.

Um acontecimento importante na vida do povo Wajãpi, ocorrido em determinada região, foi o surgimento de muitas mortes por doenças originadas do contato com os invasores do nosso território. Ninguém imaginava que isso iria acontecer. Papa Seremete

conta que os Wajãpi foram levados para as cidades onde tiveram contato com os não índios, ao retornarem para os locais conhecidos como Karavôvô e Pypyiny trouxeram as doenças até nós. Nesse estudo eu queria entender melhor por que as doenças quase acabaram com o meu povo na região Pypyiny, pois essas mortes são marcantes na história wajãpi. Busquei compreender as características do momento em que a Funai chegou até nós, exatamente quando enfrentávamos problemas com as doenças dos não índios, como sarampo, gripe, diarreia, entre outras.

A chegada da Funai entre o meu povo consiste numa questão importante a ser estudada. Procurei compreender como este órgão indigenista trouxe atendimento de saúde para nós, com vacinas e medicamentos, atendimento esse que representou para muitos narradores entrevistados a “salvação” do povo em algumas regiões do território Wajãpi. Naquele momento a Funai estava intervindo, ajudando ou salvando os Wajãpi de doenças como sarampo e gripe. Os narradores entrevistados disseram que foram os caçadores de onças, também conhecidos por nós como gateiros, assim como também os garimpeiros e os mineradores quem trouxeram as doenças. Os próprios Wajãpi ao retornar das cidades onde mantinham contato com o não índio traziam estas doenças. Acredito que o contato estabelecido com a Funai ajudou a manter a existência do povo e ao mesmo tempo contribuiu para nos convencer a morar no aldeamento que a agência indigenista estava criando.

Descobrir nas minhas pesquisas, inclusive, acontecimentos diversos, como o rapto de jovens Wajãpi, situação que desconhecia e que me deixou triste. Os jovens na adolescência eram levados do nosso território e eu não sabia como era este contato dos não índios. Descobri que haviam vários tipos de *karai kô*, como os caçadores de pele, os gateiros, os garimpeiros, os exploradores das companhias de minérios e os funcionários da Funai. Desconhecia também como foram trazidas as doenças e epidemias para os Wajãpi, pensava que os *karai kô* fossem iguais a nós, mas quando comecei a estudar na escola em minha aldeia, percebi que eram totalmente diferentes da minha cultura e que possuem muitas desigualdades, como de classes alta, média e baixa. Nós, Wajãpi, temos igualdade, quando alguém volta de uma caçada a família dele faz a distribuição da caça para os vizinhos que estão por perto, na pescaria acontece a mesma coisa, chega na sua casa e faz a distribuição de peixe para todos. Fazemos também troca de alimentação e produtos entre famílias. Pensava que era assim que os *karai kô* faziam com o seu povo. Pensava que tinham uma organização social igual a nossa. Em meu ponto de vista, pensava

que poderia produzir papel para transformar em *karakuri*, palavra que significa dinheiro, e que assim ajudaria a comprar material e alimentação. Inclusive, tentei fazer uma vez *karakuri*, quando era criança, junto com os meus amigos, mas não deu certo. Como é que funciona a economia dos *karai kô*? Pensava que a alimentação deles era melhor que a minha, não pensava que são envenenadas, gostava muito de sucos, como aqueles em pó, mas depois que percebi em minha vida e no meu estudo que não eram sucos originais de laranja, manga e limão, eram todos aromatizados, industrializados e artificiais, parei de beber.

Quando estava estudando na UNIFAP, no meu curso de Licenciatura Intercultural Indígena, fizemos uma leitura de um texto e comentamos sobre os povos indígenas no Amapá. Neste texto do antropólogo Darcy Ribeiro (1996, p.254 - 293), que tratava sobre as “etapas da integração dos índios”, estava escrito que o povo indígena Wajãpi havia sido extinto em 1960 e, assim, não existia mais. Mas creio que a explicação para essa afirmação seja o fato de, naquele momento, aos olhos dos *karai kô*, estarmos bem escondidos, muito longe de rios grandes, onde não há acesso por canoas e somente se chega caminhando pelo meio da floresta. Hoje, estamos aqui com um número de população cada vez maior, com a terra demarcada e homologada, enfrentado os políticos não indígenas. Se nós não existíssemos, não estaríamos aqui estudando.

As pessoas que eu entrevistei neste trabalho foram Seremete, uma liderança Wajãpi, reside na Aldeia Kurumuripopy/Taitetuwa, ele tem 73 anos e a FUNAI registrou seu nascimento na década 1940. É meu parente, irmão do meu pai, portanto meu tio aos olhos dos *karai kô*. A liderança Seremete foi entrevistada na Aldeia Aramirã II. Outra pessoa entrevistada foi Joapirea Wajãpi, em setembro de 2016, na Casa de Atendimento à Saúde Indígena (Casai) em Macapá, ele é um dos chefes Wajãpi, tem 50 anos e mora na Aldeia Jakare, que se localiza no final da Rodovia BR 210, Perimetral Norte. Também entrevistei Ajareaty Wajãpi, que tem 54 anos e mora na Aldeia Aramirã II, nasceu em 08 de maio de 1960, foi a primeira mulher Wajãpi chefe do povo de umas das aldeias, pesquisadora e estudante do SOMEI ela também é minha mãe. Entrevistei Waiwai Wajãpi, esse chefe tem mais de 82 anos, mora na Aldeia Mariry, ele foi entrevistado em setembro de 2015 na Aldeia Mariry e é o tio da minha mãe, costume chama-lo de *tamô* (avô). As entrevistas de Seremete, Joapirea e Ajareaty foram transcritas no computador na língua Wajãpi, e algumas passagens apresentadas neste trabalho foram traduzidas ao português.

No desenvolvimento deste trabalho, acreditava que havia perdido a entrevista de Waiwai, contudo, ao procurar, reencontrei e apresento alguns trechos aqui.

Uma característica importante a destacar no estudo é que quando fui fazer entrevistas com os sábios eles tinham um jeito próprio de conversar e narrar suas histórias para mim, na postura corporal costumavam virar de costas e contar as histórias sem olhar diretamente a minha pessoa, principalmente, sem olhar nos meus olhos. Essa forma de agir faz parte de nossa cultura, temos que respeitar muito as regras do povo, não podemos olhar nos olhos de outro Wajãpi de outra aldeia, se fizermos isso, estaremos agindo de forma errada e desrespeitosa. Precisamos respeitar, foi assim que fiz quando fui entrevistar Seremete, Joapirea e Waiwai, eles ficaram de costas para mim. Já com a minha mãe, Ajareaty, foi muito diferente, fiquei ao lado dela, conversando com ela, mas pude fazer isso porque ela é minha mãe.

2. O SIGNIFICADO DESTA PESQUISA

Eu sou Viseni, pertenço ao povo Wajãpi e sou uma das lideranças da Terra Indígena Wajãpi na Aldeia Aramirã II. Minha língua faz parte do troco linguístico Tupi-Guarani e atuo como professor do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano quando me formei no Magistério Indígena em julho de 2006. Sou acadêmico da turma 2012 do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII), da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), quando comecei a cursar. Desde o início pensava em seguir a área de habilitação em Ciências Humanas, esse é o meu caminho e percurso de estudo, pois gosto muito.

Escolhi como tema de pesquisa escrever sobre os Wajãpi e a Funai. Neste TCC busco compreender como se desenvolveu o contato do meu povo com a agência indigenista do governo, bem como foi a chegada desses não índios entre nós. Por fim, pretendo transformar este TCC em conhecimento para ser utilizado como material didático nas escolas Wajãpi.

O meu objetivo enquanto professor indígena é lecionar no Ensino Fundamental II, de 6º ao 9º ano, e no Ensino Médio para melhorar a qualidade do ensino escolar das crianças Wajãpi. Desejo que, num futuro próximo, nós Wajãpi possamos assumir de forma plena a Educação Escolar Indígena em nossa terra, pois estamos estudando nas universidades para assumir a condução de nosso futuro, queremos realizar a gestão de nossas escolas, considerando nossas particularidades e especificidades, com autonomia.

Residi e resido quase toda a minha vida na Aldeia Aramirã, junto com a família, foi neste lugar onde realizei meus casamentos. Contudo, quando tive meus filhos precisei mudar de aldeia e fui formar uma longe chamada Kujari. Nasci numa aldeia conhecida como Ymitiku, nome este que significa rio médio. Em Ymitiku minha família ajudou a construir uma pista de pouso onde aterrissaria o avião da Funai e de outros órgãos dos não índios. Depois, tivemos que mudar de aldeia para outra, fomos para Aramirã, na beira da estrada BR-210, Perimetral Norte, onde até agora estamos morando. Eu constituí uma aldeia para deixar de herança para meus filhos, como semente para o futuro, o nome dessa aldeia é Awala, local onde havia raposa ou acari, um pequeno peixe. Como liderança, faço parte do movimento dos povos indígenas do Amapá e do Brasil e integro o setor de educação e cultura do Conselho das Aldeias Wajãpi (APINA).

O Conselho das Aldeias Wajãpi – APINA – foi criado em 1994, para ajudar a lutar pela demarcação da Terra Indígena Wajãpi. É formado pelos chefes de todas as aldeias wajãpi. O Conselho das Aldeias está funcionando de acordo com as nossas necessidades e possibilidades. APINA não é uma sigla, é o nome que escolhemos para o nosso Conselho. Se refere ao nome de pessoa, dado pelos antigos Wajãpi à aqueles considerados muito valentes, que flechavam muito longe. Suas flechas eram muito bonitas e eles eram fortes. Por isso, colocamos esse nome, essa nossa organização está à frente das políticas públicas, discutem os problemas sociais do povo Wajãpi, assim como a melhoria da saúde, educação, etc. Nós Wajãpi temos cinco planos de ação para trabalhar dentro e fora das aldeias: educação, saúde, terra, meio ambiente e cultura.

Quando era criança, gostava de matar passarinhos com a flecha, ensinava os filhos dos funcionários da Funai, não índios, a usá-la, ficávamos dias e dias fora de casa matando passarinho e pescando. Matamos tucanos e assamos para comer, pescamos para assar e comer. Recordo-me que fazíamos disputas de canoagem no rio. Quando o meu pai ia caçar, nós íamos juntos, ele caçava e eu o ajudava a trazer a caça. Costumava, quando era bem criança, a chorar muito quando meu pai ia caçar ou quando ia à Macapá, parava de chorar somente quando ele chegava em casa.

Meu pai – Kumai – costumava contar as histórias dos nossos ancestrais passados e pensava que éramos um único povo Wajãpi nesse planeta criado por Janejarã. Segundo o que os pais dele contavam, achava que os não índios não existiam mais, por outro lado, falou muito dos contatos com os povos indígenas de diferentes grupos. Meu pai não considerava os não índios como um povo, pois eram inimigos, dizia que pessoas que matavam pessoas são sem vida. Era isso que ele sempre me contava dos não índios, inclusive, dizia que os não índios são muitos, assim como formigas saúva. Ele sempre gostava de contar sua história de vida.

Percebo que a vida dos não índios costuma ser complicada. Existem muitos pobres sofrendo e morrendo pelas ruas, uns matando aos outros, mas sei que não são todos assim. Vejo que tem pessoas de classe baixa, outras de classe média e uma pequena parcela de classe alta. As pessoas de classe alta não pensam nos pobres que encontram-se sofrendo, estes últimos deveriam ter bom atendimento de saúde, qualidade de educação e condição digna de moradia, visto que é para isso que existem os governos e os políticos: para ajudar. O Brasil é um país rico e abundante em água, minérios, florestas, composto por importantes e diversos biomas, porém, nossos governantes não utilizam

adequadamente essa nossa riqueza, permitem que o Brasil seja explorado pelos países do chamado primeiro mundo.

Os políticos deveriam pensar bem e planejar corretamente para melhorar o Brasil que está sofrendo. O nosso país não deveria depender da moeda e do dinheiro de países de primeiro mundo, como dos Estados Unidos da América (EUA), entre outros. Os políticos e muitos partidos falam que nós indígenas somos incapazes. Não sabem fazer gestão do nosso Brasil, querem explorar nossas riquezas, querem acabar com a floresta, com os minérios, com os rios e com os direitos sociais dos não índios e dos povos indígenas.

Em 1992, junto com a minha família, fizemos uma viagem para conhecer os parentes Wajãpi da Guiana Francesa que vivem num lugar chamado Camopi. A pesquisadora e antropóloga Dominique Gallois nos ajudou a realizar essa viagem. Saímos da Aldeia Aramirã com o carro da FUNAI até Serra do Navio, de lá pegamos o trem e fomos até o porto de Santana, então, pegamos o carro da Funai que nos levou até a casa de apoio em Macapá. Depois, fomos de ônibus até a cidade de Oiapoque, quando atravessamos a fronteira e o rio e seguimos à Saint Georges, de lá, fomos de carro até Marripá e pegamos uma canoa para ir ao Camopi. Reparei que o jeito dos Wajãpi do Camopi era muito diferente de nós daqui do Brasil, foi muito estranho para mim, logo, fui perguntar à minha mãe por que eles falam muito grosso, com o som da voz grossa? Ela me respondeu: – “Não fala isso filho! Aqui não é sua aldeia!” Então, logo fiquei em silêncio. Os Wajãpi também vivem na Guiana Francesa e falam a mesma língua que nós do Brasil, a diferença é o sotaque, que é marcante e muito forte. Ficamos aproximadamente uma semana com os parentes e participamos de atividades de roça deles, como o *mõsiro* (mutirão). Antes de retornarmos para nossa aldeia, um senhor chamado Sisiwa me convidou para casar com sua filha, só que eu disse que não queria ficar. Minha mãe então disse-lhe que viria buscar as moças para levar para nossa aldeia, e assim o fez anos depois. Casei com uma moça Wajãpi do Camopi chamada Korone, minha primeira esposa. Depois de alguns anos, casei novamente, com a irmã da minha esposa, chamada Kurikuri. No total eu tenho 16 filhos, 4 filhas são casadas e tenho 7 netos.

Quando era criança não gostava de estudar, porque os professores vinham trabalhar na aldeia, ficavam somente uma semana e iam embora. Falei aos meus pais que desse jeito não iria mais estudar, queria aprender mais a caçar com os meus tios e amigos. O meu pai falou que minha vida não seria sempre assim, no futuro todas as nossas crianças

que estão nascendo iriam estudar, então meu pai me disse: “Estudar e falar em português é muito bom filho!” Perguntei ao meu pai: “Por quê na Guiana Francesa todos os dias as crianças estão estudando e por que aqui, em nossa aldeia, não é assim?” Ele me respondeu que lá é outro país, explicou que eles não falam como os não índios daqui do Brasil, falam muito diferente, lá tem outras leis. Disse-lhe então que queria estudar na aldeia Ytuwasu, situada próxima a Aldeia Aramirã, contudo, lá não tinha parentes meus que poderiam me ajudar e cuidar quando estivesse estudando, dessa forma, não fui para lá. Nesta aldeia as aulas estavam funcionando bem, dos missionários Novas Tribos do Brasil (NTB). Havia outra aldeia em que a escola também estava funcionando bem, a Aldeia Mariry, com a professora chamada Suely Mendes, esposa de um chefe de posto da Funai, funcionária da MEC naquela época, ficou mais de 15 anos trabalhando e formando alunos.

Naquele tempo o meu pai criou outro menino como filho, da minha idade, porque o pai dele havia falecido. Meu pai chamava-o de *Eparý*, que significa neto. Parara era seu nome, cresceu junto comigo, depois ele casou e nós nos separamos. Ele era um amigo, juntos fizemos o curso de formação de professor indígena, depois veio a falecer em 2002.

No ano de 1990 os chefes Wajãpi, junto com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), fizeram uma grande reunião para discutir a educação Wajãpi, que deveria ser resolvida, pois estava muito ruim. Buscavam soluções para melhorar o futuro da educação entre o povo. Então, o CTI procurou um recurso para a formação de jovens agentes comunitários e pesquisadores da cultura Wajãpi. Quando teve este curso, o chefe na minha aldeia, que era o meu pai, indicou-me para participar do curso na cidade de Serra do Navio, de forma modular, no período de férias. O curso ocorreu no final do ano, entre novembro e dezembro de 1992, participaram mais de 25 jovens Wajãpi, e eu participei até o final. Antes de participar deste curso quase não sabia falar, ler e escrever em português.

Em 1994 viajei ao Acre para participar do curso de formação de professores indígenas com outros dois Wajãpi. Fiquei estudando por quinze dias com outras etnias. Gostei bastante do curso de formação de professores porque trouxe experiência para mim. No ano 2000, comecei a participar do curso de Magistério Indígena na Terra Indígena Wajãpi, na Aldeia Aramirã. Queria muito estudar, ser professor e trabalhar em sala de aula com crianças. Durante o Magistério ensinei crianças de 5 a 6 anos de idade na língua Wajãpi, como também lecionei de 1ª a 2ª série no Ensino Fundamental. Quando o aluno completava a 2ª série passava a ter aulas com um professor não indígena na 3ª e 4ª

séries; contudo, os professores da Secretaria de Educação do Estado, do Núcleo de Educação Indígena (SEED/NEI), sempre voltavam para Macapá e os alunos interrompiam os estudos. Com isso, terminamos o Magistério em 2006, quando estive preparado para assumir o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série.

Logo que terminamos nosso curso de Magistério Indígena, a nossa organização, Conselho das Aldeias Wajãpi, fez documento para que nós, professores Wajãpi, assumíssemos definitivamente a educação das séries iniciais do Ensino Fundamental na TIW. Éramos 11 professores Wajãpi recentemente formados e assumimos as escolas em nossas aldeias. Contudo, tínhamos dificuldades em trabalhar por não ter diretor e pedagogo para nos apoiar a organizar a educação escolar Wajãpi. Não conseguíamos preencher os documentos dos alunos, como cadernetas, formulários. Felizmente, a organização não governamental chamada Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPÉ) estava nos ajudando com a educação Wajãpi. A presença do IEPÉ foi e continua sendo muito importante para acompanhar a nossa educação escolar. Nas discussões da educação o IEPÉ é nosso parceiro, está do nosso lado, inclusive, atualmente, estamos produzindo material didático para a escola Wajãpi através do Programa Saberes Indígenas na Escola, ação muito importante para o meu povo.

Ao dar aulas, notamos que a escola está em péssimas condições estruturais, decidimos junto com a comunidade construir uma casa tradicional onde damos aula hoje. Agora, tenho alunos que estão cursando o Magistério Indígena, outros fazem cursos técnicos como de Enfermagem e Agente Socioambiental. Estou muito feliz por meus alunos, pois estes agradecem por ter aprendido comigo a escrever a língua Wajãpi e o português. Explicam-me que pensavam que a medida que aprendemos a língua, aprenderíamos a falar, contudo, sempre lhes digo que nossa língua vai andando em muitos níveis de estudo, podendo alcançar a universidade.

Em 2009 me inscrevi no vestibular do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, mas meu irmão faleceu naquele momento, não pude vir fazer o vestibular porque estava consolando minha mãe. Dois anos depois, voltei a me inscrever, passei em 2012 e hoje estou terminando o meu curso. Fico muito longe da minha família, mas as vezes a levo comigo enquanto estou estudando no curso junto com os outros povos indígenas do Oiapoque e do Tumucumaque. Por vezes não consigo estudar bem quando recebo notícias das aldeias do meu povo, sobretudo quando acontece algum problema de saúde; fico demasiado preocupado.

Nós, professores wajãpi, com o apoio do IEPÉ, estamos elaborando a proposta curricular para as Escolas Wajãpi. Estamos elaborando a Proposta Político-Pedagógica Wajãpi num Grupo de Trabalho (GT) que envolve a participação de professores Wajãpi, professores não índios, diretores das escolas Wajãpi, IEPÉ, Funai, UNIFAP, IPHAN, SEED/NEI e alguns chefes de aldeias.

Eu me esforcei bastante nos estudos, desde o início de minha trajetória, porque gosto muito de estudar, principalmente de compreender história. O estudo traz um futuro positivo para mim, para minha família e para o meu povo wajãpi. E assim vou continuar estudando, inclusive no mestrado.

Sofri bastante com o falecimento dos meus parentes, do meu pai que já se foi, meu irmão e minha irmã de criação. Mas não vou desistir, vou continuar colaborando junto ao meu povo e com os outros povos indígenas no Brasil, do Amapá e norte do Pará. É para isso que estou estudando, para defender os direitos do meu povo e para somar com outros povos indígenas.

Quando criança, com 4 a 12 anos de idade, comecei a aprender os conhecimentos wajãpi com os meus pais, Kumai e Ajareaty. O meu pai me contava muitas histórias do povo Wajãpi, apreendi a fazer artesanato, pescar, caçar e a respeitar os conhecimentos dos Wajãpi e as regras da floresta, além de aprender a dialogar com os outros. Na minha época de criança, não tinha escola, não tinha estrutura de prédios e nem professores. Atualmente, há professores indígenas Wajãpi de Ensino Fundamental na língua materna e no português para o 1º ao 5º ano, bem como professores do 6º ao 9º ano e do Ensino Médio em minha aldeia. Quando eu tinha entre 8 a 9 anos, fui tentar estudar numa escola dos missionários NTB, na Aldeia Ytuwasu, mas não deu certo, os meus pais não quiseram porque não tinham pessoas da minha família morando lá que pudessem me cuidar. Assim, tive que voltar.

3. NARRATIVAS WAJÃPI SOBRE OS KARAI KÕ

Antigamente, quando nós éramos jovens ainda, os karai kõ, não índio, chegaram em nossa Aldeia Inipuku. Vieram em duas canoas, trouxeram muitas comidas deles. Eu conversei com eles na minha língua mesmo, ninguém sabia falar em português naquele tempo. Hoje em dia vocês, desde a barriga da mãe, já sabem falar o português. Eu, como chefe dos Wajãpi, foi quem conversou com os karai kõ. (Waiwai, liderança Wajãpi, 2015).

As histórias contadas pelo meu povo Wajãpi vem das lembranças e memórias que estão latentes na nossa mente. Até recentemente somente os antropólogos e pesquisadores registravam os conhecimentos, os saberes, as histórias e memórias em documentos orais e escritos, agora, nós Wajãpi estamos registrando o que os nossos sábios, os nossos anciões, contam e contavam para nós. Por isso que este trabalho é fundamental para mim e para o meu povo. Como professor-pesquisador busco estudar com os outros colegas professores Wajãpi. Sabemos que no passado não havia escrita para o povo, hoje em dia dominamos a escrita e temos a responsabilidade de escrever as histórias narradas pelos sábios, para que entrem em nossas escolas e façam parte do acervo e patrimônio material e imaterial do povo.

Para desenvolver o trabalho entrevistei alguns chefes de outras aldeias, como o *tamõ* Waiwai que mora na Aldeia Mariry. Essa narrativa foi muito difícil para ser realizada, porque Waiwai não se concentrava para falar, ficava andando o tempo todo enquanto contava as histórias, assim, tive que convencê-lo a sentar um pouco para que pudéssemos dialogar. Waiwai narrou muitas histórias, mas sobre a Funai pouco me disse. Outro chefe que entrevistei foi Joapireia, na Casa de Atendimento à Saúde Indígena em Macapá (CASAI/AP), nesse encontro ele contou-me que os não índios o levaram embora da aldeia quando pequeno e compartilhou um pouco de suas memórias sobre a chegada da Funai.

Entrevistei *papa* Seremete na Aldeia Aramirã. Ele sempre narra a chegada dos não índios no território Wajãpi, sempre me aconselha a escrever o que eles, sábios Wajãpi, contam de suas memórias. Por sinal, incentiva os professores-pesquisadores como eu a registrar as memórias e histórias dos antigos, para que esse conhecimento seja utilizado na escola, assim, os alunos poderão ler.

Escolhi entrevistar Ajareaty Wajãpi por vários motivos. Hoje, Ajareaty é vice-chefe da Aldeia Aramirã, uma importante liderança. Foi casada com Kumai, um grande chefe do povo Wajãpi. Ajareaty, quando jovem, vivenciou esse contexto de chegada da Funai entre

os Wajãpi, contou-me que Kumai foi levado pelos caçadores de onça para a cidade e que, posteriormente, foi trazido de volta para aldeia e atuou na Funai como funcionário da agência indigenista. Somente ela sabe contar isso. Além destes motivos fundamentais para escolhê-la como narradora, devo acrescentar que, por ser minha mãe, foi muito mais fácil entrevistá-la, outrossim, tudo o que ela narra faz parte da minha história de vida.

Neste estudo procurei registrar e escrever as palavras, repletas de memórias e informações, que meus entrevistados compartilharam comigo em entrevistas gravadas. Para isso transcrevi no wajãpi as narrativas e, para que o leitor pudesse ler e compreender os significados das palavras aqui grafadas, realizei uma tradução simples, porém qualificada, de certos trechos no português, sempre cuidando para que as informações fossem organizadas e explicadas.

Eu costumo chamar Seremete de *papa*, por ser meu tio mais velho por parte de pai, mas muitos de nós chamam ele de *tamõ* ou de *pa'í*. *Papa* cedeu entrevista para minha pesquisa em dezembro de 2014, e sua narrativa tem informações significativas para os Wajãpi. Assim, transcrevi a entrevista e destaco neste trabalho algumas questões narradas por ele.

Essa importante liderança do meu povo – *Papa Seremete* – narrou que, muito antes dos invasores e exploradores chegarem aqui no território Wajãpi, tivemos relações com os não índios num lugar chamado Mairi, ao qual se atribui o nome de Fortaleza de São José, construída pelos *karaí kô*. Em agosto de 2015, eu estava na Escola Indígena Estadual Aramirã ajudando o professor Makarari nas atividades dos alunos. Naquele dia acompanhei os alunos e meus filhos em atividades de campo. Recordo que levamos dezoito (18) alunos até a casa de Seremete para conversar com ele. Os alunos perguntavam ao *tamõ* como surgiram os animais, os rios, os peixes, as árvores, o povo Wajãpi e os *karaí kô*. Não era um dia de entrevista para minha pesquisa, mas as palavras de *papa* foram importantes e guardei-as em minhas memórias, assim, destaco com as minhas palavras o que ele disse:

Agora, eu falo porque criamos nossos inimigos, não deveríamos criar, poxa, é ruim isso. Agora, estamos muito espremidos em nossa terra e eles pegaram todos os nossos territórios por onde nós andávamos, agora, não tem mais saída. Não sei como vai ficar daqui há mil anos, talvez, os não índios vão acabar com nós. Eu sei porque os não índios estão chegando mais perto de nós, comendo todas as árvores, ouros, uns deles parecem tatu cavando buracos, outros derrubam árvores como a saúva comendo nossa plantação. Por isso estou muito bravo com eles, eu queria era matá-los para ficar alegre em minha vida. (Papa Seremete por Viseni Wajãpi, 2016).

Essa frase me marcou profundamente. A compreensão de *papa* sobre tudo o que aconteceu no passado, no presente e sobre tudo o que ainda vai acontecer no futuro para os Wajãpi faz parte das nossas histórias. A chegada dos não índios faz parte de nossas vidas. Em minha conversa com *papa* ele contou sobre a relação dos Wajãpi com os não índios: *Maty ypy jajesa karai kō re?* Essas palavras significam: “Onde encontramos os primeiros não índios?”

Papa conta que quando o mundo foi criado primeiro, nós, Wajãpi, fomos criados através da música da flauta comprida – *jimi’a puku* –; depois, foram criados os não índios, que caíram com a chuva. Estava chovendo bastante e de repente uma criança caiu do telhado de casa, um menino, não demorou, mais uma criança caiu de novo, uma menina. Os nossos ancestrais os criaram alimentando com vários tipos de mingau, como de banana, cará, batata doce e outras frutas. Depois que cresceram, os não índios aumentaram a sua população, contudo, eles brigaram com os Wajãpi e foram embora para longe, para outro continente. Depois de muito, milhares de anos, os não índios voltaram de novo, para nos encontrar. Nesta vez vieram preparados para invadir nosso território e para acabar com nosso povo. Ninguém pensava que isso ia acontecer. Por isso quando vimos pela primeira vez os não índios não os matamos, pensamos que haviam voltado para brigar de novo, mas dessa vez foi diferente.

Papa Seremete informou que os primeiros *kurai kō* que estiveram entre nós foi na aldeia Pypyny e explica que quem contou pra ele estas histórias foi o *tamō* Paranawari. Conta que lá chegaram dois não índios, Sirorã e Karapati. Vieram de canoa pelo rio Inipuku, um afluente do rio Jari. Deixaram a canoa na beira do rio pra seguir o caminho até perto da aldeia Pypnyu, depois, vieram caminhando na beira do rio até Pypnyu. Nesta aldeia moravam nossos antigos, todos juntos. Lá chegaram. Mas os primeiros que chegaram não brigaram. Chegaram e nomearam um Wajãpi para ser *kapite* (capitão), chamado Tamō Majorã. *Papa Seremete* recorda que seu avô Matia morava na aldeia Aimã, enquanto estava acontecendo isso. Informa que os *kurai kō* passaram direto para tirar ouro, e quando estavam com outros antigos, foram para a montanha Sarasane, lá também encontraram ouro. Conta *papa*:

Koe pe sosi tō ojimoena kupa ma’epe warare aravovo me. Tamō Tajau kō je a’epe tui, nerema’ei tō awi a’e yy pupe oposiko kupa reme sui, mamigyty tokō ojo’o karakuri kupa sui mamigytye’e ike wyi ve aitã’a jaimijarã rymya a’ike oposiko ee kupa iwe iwe iwe awi age’e neko omoupei era kupa āgwerã javue’esi kegã ipeva omo’i mo’i kupa ã’ō ojo’opa je kupa.

Que na tradução significa:

No lugar chamado Warare aravovo estão se fixando os exploradores. Os Tamõ Tajau (um sub-grupo Wajãpi) moram nesse lugar (Warare aravovo), tu não conheces esse lugar! Lá, num igarapé, que eles estavam trabalhando meu filho, longe onde eles cavaram os buracos para tirar o ouro meu filho, longe mesmo, daqui até jaimijarã (lugar onde toma-se banho). Trabalharam e foram cavando, cavando, cavando, a mesma distância de sua roça, mas ultrapassa a sua roça. Eles cavaram todos os buracos iguais, depois tiraram tudo o ouro.

Para que *papa* Seremete pudesse falar de hoje e da relação estabelecida com a Funai ele começou sua narrativa com as histórias dos antigos, com as histórias que ele ouviu dos seus *tamõs*. Tanto *papa* quanto os outros narradores wajãpi relembram as histórias dos antigos. Esse percurso narrativo é próprio de nossos *tamõs* que costumam relembrar e contar as histórias dos tempos antigos para, então, alcançar o tempo presente ou os tempos de hoje. Sempre narrando de forma detalhada aos ouvintes.

Esse fluxo mnemônico de recordar e narrar histórias, desde as mais antigas e longínquas no tempo até as mais recentes, é fundamental para que os Wajãpi mantenham seus conhecimentos e saberes, sempre repassando tudo que ouviram dos antepassados às novas gerações. As histórias devem ser contadas aos jovens, aos netos, para que estes aprendem com os mais velhos, com nossos antepassados. Esse ato de rememoração resguarda histórias imemoriais, de tempos pretéritos e intangíveis, pois quando um Wajãpi conta uma história tem que contar o que sabe e ouviu dos antigos, eternizando as palavras de quem contou. Dessa forma, nosso passando histórico alcança as atuais gerações e continuaremos fazendo isso.

Assim, ouvi primeiro as várias histórias dos não índios. Antes de falar da Funai, *papa* explicou como os avôs dele lhe contaram sobre a chegada dos não índios aqui no território Wajãpi. *Papa* procurou esclareceu o que aconteceu com os antepassados do povo Wajãpi, exemplo importante de como esse percurso narrativo constitui nossa particular forma de contar a história.

A Funai foi ao encontro do povo Wajãpi. Segundo explica, o órgão indigenista do governo foi avisado pelos garimpeiros, não índios, através de documento que informava que haviam encontrado o povo Wajãpi na região do Karavôvô, num lugar muito longe. Assim, buscou o contato. A agência veio bem rápido, naquele momento epidemias de gripe e sarampo estavam atacando os Wajãpi.

3.1 A liderança Wajãpi Kumai e a Funai

No tempo em que a Funai chegou entre os Wajãpi, minha mãe Ajareaty tinha recentemente vindo da região chamada Aldeia Inipuku² e, meu pai Kumai da Aldeia Pypyiny.³ Eles fizeram seu casamento na mesma época em que a Funai havia chegado entre o povo Wajãpi, assim, foram morar no recente “aldeamento” criado pela agência indigenista, na Aldeia Tataira.⁴

Ajareaty cita que nesse momento a Funai junto com os Wajãpi ia construir uma pista de pouso para o avião, contudo isso não deu certo e a pista não foi feita: *Funai oinõ taa mō jimoatya romō Tatairã pe, ãã taa pe watykapa Wajãpi. Funai e'í Wajãpi kō pe keve ve sinu yaru'apa mō, ajawyi ojatyka inōta ta kupa*. Suas palavras significam – “A Funai fez aldeamento chamado aldeia Tatairã, nesta aldeia juntaram todos os Wajãpi. A FUNAI falou para os Wajãpi que ali mesmo iriam construir uma pista de pouso de avião, por isso, todos os Wajãpi se juntaram para abrir a pista.”

Antes disso acontecer, meu pai havia recém-chegado da cidade de Macapá. No passado ele havia sido levado da sua Aldeia Pypyiny pelos caçadores de onça, os gateiros, quando ainda era jovem, adolescente, para ser criado longe da família Wajãpi, isso ocorreu antes da chegada da Funai. Os gateiros costumavam levar os jovens para trabalhar com eles, mas acontecia também de os jovens desejar ir embora por causa das epidemias de doenças que matavam toda a sua família. Então, fugiam com os gateiros, os garimpeiros, como se fosse uma forma de sobrevivência e de não ficar triste na aldeia sem a família. Determinados jovens Wajãpi foram levados de forma forçada, sem avisar, mas, havia também os casos daqueles que eram levados com o consentimento dos familiares, que diziam se podia levar ou não. Esse foi o caso do meu pai, ele me contou isso. Outros jovens não avisavam a família e eram levados a fugir para as cidades próximas ou distantes.

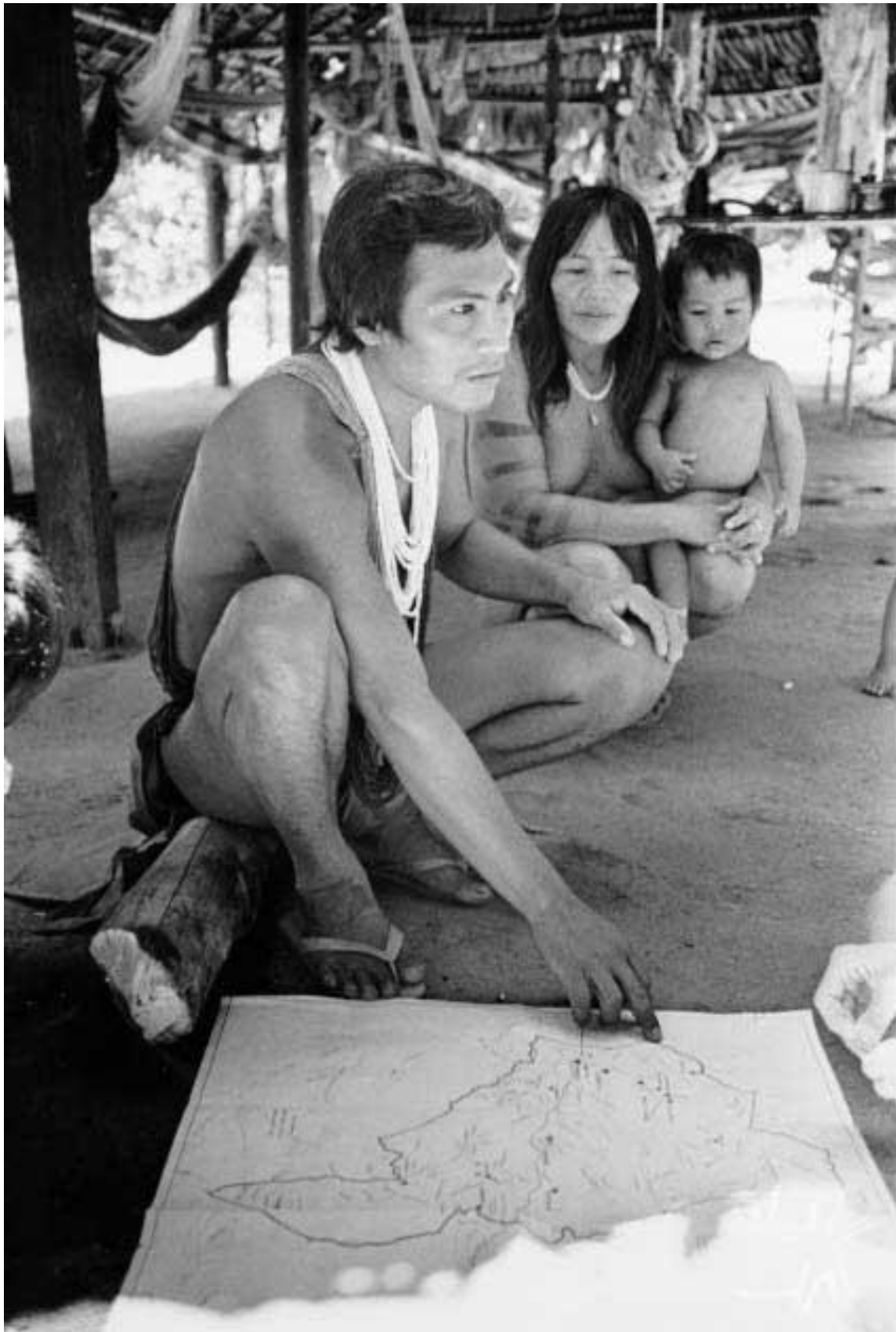
Depois disso que a Funai veio fazer o dito “contato” com o povo Wajãpi, por volta de 1973. A pesquisadora e antropóloga Dominique Gallois, que também entrevistei em 05 de agosto de 2017, explicou-me: “Cheguei pela primeira vez em fevereiro de 1977, isso era *jueje'ypy reme* (o tempo quando o sapo estava cantando), 1977, a FUNAI já estava aqui há quatro anos”.

² Inipuku significa rede comprida.

³ Na Aldeia Pypyiny havia muita pupunha, por isso o nome da aldeia.

⁴ Tataira é uma abelha que nós chamamos “de fogo”, pois, quando vem para cima das pessoas, nos deixa queimados.

Figura 1: Liderança Kumai ao lado de sua esposa Ajareaty



Fonte: Fotografia de Dominique Gallois, disponível em: https://img.socioambiental.org/d/237116-1/wajapi_6.jpg. Acesso em: dez. de 2018.

Nessa época meu pai foi trazido de volta pela agência indigenista para a aldeia, no início da década de 1970. Ele costumava me contar que não queria voltar porque perdeu a mãe, o pai e um irmão bem pequeno. Só que a Funai lhe enganou. Para poder trazê-lo de volta para aldeia disse que os pais dele estavam vivos, assim, quando chegou na aldeia, meu pai perguntou para sua irmã e irmão mais velhos se os pais deles de fato estavam vivos, mas estes afirmaram que não. Meu pai disse que ficou muito triste e que estava com vontade de retornar para a cidade de Macapá novamente. Então, falou para os funcionários da Funai arrumar um trabalho para ele e que, se não fosse possível, ele voltaria. Nisso, o funcionário da Funai o convidou para trabalhar junto com os outros funcionários. E meu pai aceitou.

Sa'i Dominique⁵ relatou: "Kumai era muito bravo porque fazia pouco tempo que ele voltou da cidade enganado pelo Fiolero né, então ele tinha muita raiva da FUNAI, porque para trazer aqui, o Fiolero fez mentira grande para ele, disse que a mãe dele estava viva, por isso ele voltou, mas chegou aqui e não estava. Aí ele sempre trabalhou para a FUNAI, sempre mandava na FUNAI."⁶

No início do casamento, minha mãe pediu para meu pai comprar algumas coisas para a mãe dela, que é a minha avó, sogra do meu pai, chamada Koroamorã. Ele foi para a cidade e comprou panelas, redes, facas e tecidos vermelhos para minha avó levar de volta para aldeia dela, Aldeia Inipuku. Conta minha mãe e, contava meu pai, que minha avó foi conversar com o chefe Waiwai sobre o casamento da sobrinha Ajareaty, e que o chefe aceitou este casamento, só que disse que Kumai, o futuro marido, tinha que levar sua esposa para visitar a Aldeia Inipuku. E assim fizeram. Após isso, ocorreu o casamento, então, minha mãe logo engravidou. Deu à luz a mim e nasci numa aldeia chamada Ymitiku,⁷ em 20 de janeiro de 1977, quando estavam construindo uma pista de pouso da Funai.

Por alguns anos esta pista funcionou, porém, parou de receber os pousos quando os Wajãpi se envolveram em conflitos entre si, então decidiram voltar para suas aldeias originárias deixando esse lugar enquanto alguns foram abrir novas aldeias. Quando eu estava com dois meses de idade, meus pais tiveram que mudar de residência, para

⁵ Sa'i é a expressão que nós Wajãpi usamos para nos referir a Dominique Gallois, que significa avó.

⁶ Na entrevista a antropóloga Dominique comenta sobre o indigenista da Funai Fiolero que atuava no Amapá, enquanto a narradora Ajareaty informa que o nome do chefe de Posto da Funai entre os Wajãpi era Palicio. Mas tanto Fiolero quanto Palicio são a mesma pessoa. Como os nomes são apropriados pelas pessoas e povos de distintas formas, ocorre essa diferença.

⁷ Ymitiku significa rio médio, essa aldeia não existe mais.

construir uma aldeia na beira da estrada Perimentral Norte, BR 210, com o objetivo de facilitar a vigilância do território Wajãpi, essa aldeia é chamada de Aramirã⁸ e passou a ser o local do Posto da Funai. Até hoje esse lugar é usado em nossa aldeia para a promoção das ações governamentais da saúde e da educação entre os Wajãpi.

Entre os anos 1970 a 1980 haviam muitos garimpeiros que estavam entrando para extrair ouro em nosso território, em vários lugares, como na região chamada Yjypijonã.⁹ Eu era ainda menino, cresci vendo a nova estrada BR 210. Desde pequeno vejo a Funai e os não índios entre nós. O meu pai era um dos três funcionários do recente Posto Indígena da Funai instalado entre meu povo, ele trabalhou como intérprete, e também como piloto fluvial da instituição, junto com outras lideranças Wajãpi, Kurapi'a e Tsako. Ele ficou alguns anos pilotando motor de popa, depois foi ser motorista de carro da Funai. Quando começou a dirigir o carro do Posto, ele não parava mais na nossa casa, vivia levando muitas pessoas doentes para a cidade de Serra do Navio, no hospital, onde tinha atendimento médico. Meu pai assumiu como motorista de carro por um motivo, o motorista da Funai chamado Paulo havia sido atingido com um tiro no braço pelos garimpeiros, por isso, ensinou o meu pai a dirigir para que pudesse ficar no lugar dele, logo após o motorista Paulo foi embora.

Meu pai é considerado um dos chefes mais respeitado por todos Wajãpi e reconhecido como bom guia do povo, *jovijã ikatuway*.¹⁰ Até hoje o nome de Kumai está na memória de cada um de nós. Assim, junto com Sa'i Dominique Gallois, lutaram arduamente para fazer a demarcação da nossa terra, para mostrar aos outros Wajãpi a importância de termos o Território Wajãpi legalmente demarcado.

Tanto Kumai, como também Waiwai, são importantes lideranças respeitadas no processo de demarcação, conseguiram promover a consolidação e a articulação do povo Wajãpi que até então vivia disperso em regiões, residindo entre os nossos subgrupos ou *wanã* de pertencimento, sem uma união ampla de forças.

Nós, Wajãpi, lembramos e reafirmamos que Kumai e Waiwai são grandes lideranças articuladoras do mundo Wajãpi. Foram atrás de *karakuri* para podermos realizar a autodemarcação da Terra Indígena Wajãpi. Sempre recordamos que são/foram

⁸ Aramirã faz referência a terra vermelha, ou, ao sol poente ou nascente, quando está no horizonte com a cor avermelhada.

⁹ Yjypionã significa uma espécie de barro preto, argila.

¹⁰ *Jovijã ikatuway* significa um chefe muito bom.

homens fortes para lutar, para conseguir as coisas, para impedir a entrada dos invasores e tirá-los de nossa Terra Wajãpi.

Kumai e Waiwai reuniram-se com os chefes principais das outras regiões – *wanã kō* – e organizaram a resistência para defender os direitos e fortalecer os Wajãpi. Estes líderes costumavam se articular através diálogo e oralidade, falavam muito alto e se comunicavam entre eles mesmo com a distância. Os sábios, homens, sempre falavam muito alto. Esse é um jeito particular de diálogo entre as pessoas antigas do sexo masculino. Explicam que somente as crianças falam baixo e que os adultos falavam mais alto para poder se comunicar em distância, de uma casa para a outra. Contam que esse jeito de conversar é porque não pode um homem olhar no rosto do outro, não podem encarar-se frente a frente, isso é desrespeitoso. Assim, os sábios costumam se comunicar, reservando-se a certa distância. No passado, quando acontecia este tipo de conversa, de noite ou de dia, todos respeitavam, não atrapalham, precisava-se respeitar. Contudo, há exceções, quando estávamos bebendo o kasiri, ocorria de não se respeitar tal postura. Hoje em dia não se fala mais a distância entre os homens, alguns homens antigos ainda mantêm, mas é muito difícil ocorrer este tipo de conversa entre os homens.

Como todo o povo, estamos em constante atualização e temos novas formas de nos organizar socialmente, inclusive, fazendo uso do papel enquanto recurso de luta e comunicação. Apesar de estarmos articulados como um grande povo, mantemos nossa organização em pequenas famílias. Formamos 5 subgrupos Wajãpi ou *wanã*, todos muito fortalecidos e, em cada *wanã*, temos um chefe principal, sendo que cada um respeita a autonomia e autoridade do outro com seu grupo.

A partir da experiência dos chefes Kumai e Waiwai, procuro contar para os outros Wajãpi sobre nossa vida no passado e a grande luta deles para manter a posse da nossa ontem, hoje e no futuro. Para manter o controle sobre a nossa terra costumamos fazer a limpeza das linhas secas, precisamos honrar a memória de luta destes chefes que suaram para conseguir essa terra para nós. Recordo-me das palavras que ouvi, diziam eles: “Essa terra demarcada você tem que aconselhar para os netos que estão vindo, para eles não esquecer de cuidar da nossa única terra que conseguimos demarcar, pois perdemos várias partes dos nossos territórios.”

Meu pai, Kumai, foi um guerreiro que não tinha medo de enfrentar os políticos não índios, falava cara a cara mesmo. Quando os garimpeiros passavam na aldeia de Kumai, ele os esperava voltar, assim, prendeu muitos garimpeiros sozinho. Enquanto os outros

parentes alertavam que os garimpeiros iriam matá-lo, Kumai dizia aos parentes: “Garimpeiro não vai me matar! Não matei nenhum deles. Porque vão me matar! Estou pegando eles porque estão no nosso território.” Meu pai lutou até o fim da vida dele na Aldeia Aramirã, pela Terra Indígena Wajãpi, recebeu o apoio de outro Wajãpi, Kurapi’a e Kasiripina, que lhes ajudaram a tirar definitivamente os garimpeiros de seu território.

Os exploradores há muitos anos e há muito tempo vinham invadindo o território Wajãpi, circulavam pelo rio Jari e pelo rio Amapari. Chegavam exploradores de pele de animais, caçadores e tiradores de ouro que são os garimpeiros, cada vez mais vinham não índios de vários outros lugares. Nós, Wajãpi, tínhamos medo deles, pois todos estavam armados e nós não queríamos brigar com eles, não conseguíamos caçar sozinhos, tínhamos medo dos invasores. Todas as famílias se mudavam de aldeia devido à pressão destes exploradores em nosso território, mas assim mesmo, fugindo deste contato, os não índios alcançavam onde estavam as famílias. Esses exploradores eram os gateiros, que são os caçadores de *jawarã* (onça), *maracaja* (gato-maracajá) e *taitetu* (caititu). Costumavam caçar para tirar a pele dos animais para a venda no Brasil e no exterior.

Naqueles tempos, antes da chegada da Funai, haviam também os garimpeiros que são tiradores de ouro manual, sabemos que alguns que estabeleceram relações com os Wajãpi levaram crianças e jovens embora para tentar criar e para trabalhar para eles. Essas histórias de levar crianças estão nas memórias dos Wajãpi e são muito tristes, meu pai foi um desses meninos levados. Já em tempos de Funai, outro grupo estava muito próximo dos Wajãpi, eram as empresas de exploração de grandes minérios, como manganês e outros; costumavam cavar buracos para ver se naquele lugar havia minério de manganês. A partir desse intenso fluxo de não índios houve a construção da estrada, a rodovia BR 210, que facilitou o caminho dos garimpeiros para chegar e tirar ouro e ainda promoveu o acesso de pessoas que vinham pesquisar minérios para poder explorar no futuro.

Kumai foi um dos chefes considerados “porta voz” do povo Wajãpi. Era respeitado pela comunidade da aldeia e todos o obedeciam, ninguém ousava falar não à ele. Assim, organizava grupos na aldeia para irem caçar, costumava preparar muitas festas e também o *posirõ* – mutirão – para fazer a roça.

Recordo-me que como era funcionário da Funai e recebia *karakuri* costumava ajudar todos, assim, comprava principalmente pano vermelho que os Wajãpi utilizavam no dia-a-dia como roupa. Também adquiria munição para ser utilizada na caça e distribuía

para diversas famílias, como as de Waiwai, Siro, Januari, Matapi, Seremete, Paranawari. Costumava realizar a circulação de artesanato entre famílias, como de arco, flecha e outros utensílios importantes para as famílias utilizarem na casa. Como liderança, compartilhava com o povo tudo o que acontecia e vivenciava, lembro-me que chegou a participar de uma grande Assembleia dos Povos Indígenas em Oiapoque, em seu retorno, explicou ao povo Wajãpi como foi importante esse evento. Em outra ocasião, Kumai foi visitar a Terra Indígena do Povo Kayapó, na Aldeia cacique Paikan, no Estado do Pará. Quando chegou de lá informou a todos o que tinha acontecido, principalmente sobre a organização indígena.

Apesar de muitos parentes discordarem da organização promovida por Kumai, paulatinamente ele foi se transformando em uma liderança respeitada na Terra Indígena Wajãpi. Como liderança, não desistiu do que estava fazendo, sendo reconhecido e respeitado inclusive pelos mais velhos Wajãpi, como Januari, Waiwai, Paranawari, Jasitu, Karota, Suinã e Seremete. Em face aos trabalhos desenvolvidos em prol do povo Wajãpi, as famílias próximas expressam consideração e amor por ele até hoje. Em muitos momentos, sobretudo quando estão compartilhando kasiri, essas famílias próximas chegam a chorar juntos a saudade de Kumai porque reconhecem nele um homem forte – *jovijã ikatuway* –, que promoveu o bem-estar do povo e de sua aldeia. Enquanto outros chefes Wajãpi não compreendiam a finalidade da demarcação, Kumai contribui para afirmar a importância da autodemarcação pra o povo e para “abrir os olhos” dos chefes. Hoje, estes velhos e importantes chefes falam seu nome e reconhecem sua valentia de lutador e sua liderança destemida quando encarava autoridades dos não índios.

Kumai procurou, ao articular os subgrupos do povo Wajãpi, melhorar as formas próprias organizativas da política do povo, assim, certamente alcançou seu principal objetivo: realizar a autodemarcação do território do povo Wajãpi – TIW. Como um chefe Wajãpi, manteve fortalecida a organização social de sua aldeia, promoveu grandes festas tradicional e reuniu os outros Wajãpi para realizar atividades na aldeia. Além de funcionário da agência indigenista do governo, Kumai foi sobretudo um intérprete do seu povo Wajãpi. Ao mesmo tempo em que se colocava como um articulador da Funai entre os Wajãpi, afirmava que a Funai tinha que ouvir os Wajãpi.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNAI ENTRE OS WAJÃPI

A Funai veio até nós Wajãpi num momento em que estávamos sofrendo com epidemias, a antiga agência indigenista do governo, chamada Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nunca chegou a se instalar entre nós, Wajãpi do rio Jari e do rio Amapari. Contudo, antes da Funai chegar definitivamente entre nós, conforme destaca Ajareaty, a Indústria e Comércio de Minérios S.A – ICOMI – estava cercando nós e o nosso território: – *ICOMI kō ypy ovãe orepyri, wajãpi kō romõ orerena pe Inipuku pe, ajaire ojiopi oo inipuku rupi, ajaire ojiupi oo yvy porã reka, age´erowã ekoi werywete morijõ jay ekoi ojivy kupa*. Nas palavras traduzidas: – “A primeira que chegou com nós Wajãpi na nossa aldeia Inipuku foi a ICOMI, no rio Inipuku, depois eles subiram pelo rio Inipuku para fazer suas pesquisas de mineração, demoraram mais de dois meses para voltar de onde vieram.”

Ajareaty me explicou como a Funai chegou até nós. A agência foi buscar todas as famílias que viviam na Aldeia Inipuku, inclusive a dela, assim, tentaram morar na Aldeia Tatairã, contudo não deu certo, as pessoas não conseguiam viver todas juntas porque não faz parte da vida Wajãpi morar todos juntos. Ficaram somente dois anos nesta aldeia, depois todos as famílias voltaram para as aldeias de onde haviam vindo.

Sa’i Dominique explica que “Então, primeira vez que cheguei tinha um pequeno Posto da FUNAI aqui mesmo onde tem Posto agora. Aqui no Aramirã tinha uma casa comprida, assim, no outro lado para lá tinha caminho para Tatairã, pois aquela aldeia antiga do seu pai não existia, só tinha Tatairã. Então cheguei aí no Posto da FUNAI por três dias, aí o Fiolero chamou Kumare e disse: ‘Leva ela para Tatairã!’ Então eu fui para Tatairã.” A pesquisadora informou que posteriormente, o Posto da Funai mudou de lugar e aldeia: “Só que anos depois, aí, eu não, o Fiolero já mudou o Posto daqui, levou por Ymitiku, porque a estrada chegou e ele não queria Wajãpi misturado com trabalhadores da estrada. Se vocês ficassem no Tataíra iam pegar muitas doenças com os trabalhadores da estrada. Aí ele levou todo mundo para o Ymitiku [...]”.

Ajareaty fez casamento com Kumai Wajãpi, pertencente a outra região, na Aldeia dela não tinha com que casar, por isso quando Kumai pediu para casar com ela, resolveu aceitar, assim, ela não voltou para sua aldeia para viver, apenas foi visitar, dois anos depois, a mãe dela e outros parentes. Kumai, então marido da Ajareaty, tornara-se um dos funcionários da Funai na aldeia.

A Funai chegou no território Wajãpi através dos garimpeiros e gateiros que avisaram do contato conosco no alto rio Jary e Amapari. Ao ir ao encontro do povo, a Funai chegou numa aldeia que estava gravemente acometida por doenças que estavam acabando com os Wajãpi, sobretudo sarampo. Assim, a Funai veio para socorrer os Wajãpi em situação de risco de vida.

Quando um chefe Wajãpi avisou que a Funai veio nos ajudar, toda a comunidade da região do rio Inipuku pensava que se tratava de garimpeiros que os parentes de outras regiões estavam falando. Quando viram que era a Funai, os Wajãpi voltaram pra suas aldeias. Não demorou muito outros Wajãpi vieram informar, através de Emyra Wajãpi, que a agência estava esperando para ir até onde estavam, contudo, a Funai veio esperar os outros Wajãpi na região do rio Inipuku. Ajareaty desconfiou da Funai, pensava que eram garimpeiros e gateiros, disse: – “Será que vão matar todos nós?! Por isso que eles estavam chamando, pois estávamos com nossas famílias.” Mas assim mesmo resolveram vir para a Aldeia Tataíra.

Os narradores Wajãpi me contaram que a Funai naquele momento foi muito importante para salvar a vida dos que haviam sobrevivido na região, principalmente no local chamado Pypyiny, que sofria com o sarampo que havia matado todas as famílias. Assim, quando a Funai chegou todos os Wajãpi foram vacinados contra certas doenças.

Naqueles tempos difíceis a Funai passou a ajudar o povo e se tornou uma referência, costumava apoiar os Wajãpi que estavam nas cidades, promovia viagens de volta para nossas Aldeias, circulava informações entre cidade e aldeia sobre àqueles parentes que estavam distantes da família, ajudou o povo a procurar os Wajãpi que foram levados pelos garimpeiros e pelos caçadores de onça. Dentre alguns Wajãpi que foram levados pelos garimpeiros e pelos gateiros, como Kurapi’a, Emyra, Joapirea, Kumai, Tsako, Mo’yruipi, Calbi, Jurara, Japakani, Wyrakatu, muitos retornaram para suas aldeias de origem. Alguns Wajãpi foram trazidos pela Funai à força de volta para suas aldeias, pois não queriam retornar, enquanto outros Wajãpi vieram naturalmente às suas casas e aldeias; contudo, demorou alguns anos para que a Funai trouxesse todos de volta.

A Funai se instalou no território Wajãpi para minimizar o impacto das doenças que foram trazidas pelos garimpeiros e gateiros. Os Wajãpi desconheciam esses tipos de doenças, não eram correntes nas aldeias do povo Wajãpi e nem mesmo corrente na floresta. Os Wajãpi quando estavam acometidos por febre e dor de cabeça costumava ser

o próprio pajé quem curava com sua medicina tradicional. A cura através das ervas tradicionais não costuma ser utilizado pelos não índios.

A Funai ajudou também em outros aspectos, como manusear armas de fogo, instrumento que até agora utilizado na caça, mas que nos tempos atuais encontramos dificuldades em comprar munição. Outra informação relevante que explicaram os narradores foi que a primeira escola que a Funai tentou implantar entre o meu povo foi na Aldeia Ymitiku, onde a professora Vera chegou a dar aulas para os Wajãpi. O órgão ajudou na demarcação da TIW, pois contribui para a retirada de garimpeiros que estavam intrusados em algumas regiões do território Wajãpi, como no rio Ari, local de exploração destes por dezesseis (16) anos.

A Funai possibilitou que trocássemos o uso da flecha pela arma de fogo. Isso não foi muito bom para os Wajãpi. Hoje não usamos mais nossas armas antigas, esquecemos de utilizar, os Jovens estão acostumaram com armas de fogo. Além disso, trouxeram outros elementos dos não índios para o nosso dia-a-dia, como outra alimentação, a enlatada. Os funcionários da Funai caçavam bastante que chegava a estragar a caça e os peixes, sendo que alguns funcionários da agência tinham cachorro para caçar por eles. Ocorreram situações complicadas. Os funcionários da Funai não respeitavam as mulheres Wajãpi e “pagavam-nas” sem respeito. Esses episódios ocorriam quando estavam bebendo a bebida tradicional dos Wajãpi: kasiri.

A questão da alimentação suscitou problemas. A Funai implantou a criação de aves como galinhas e patos e estimulou a criação de porcos e búfalo. Alguns Wajãpi falavam para a FUNAI que não daria certo, pois não tinham como criar estes tipos de animais. Por sinal, não faz parte da dieta do meu povo comer animais de criação doméstica. Entendemos que a criação feita junto conosco gera laços de amizade, sobretudo, destes animais domésticos com as crianças. Não matamos animais domésticos para comer quando os criamos. Não aceitamos a implementação da criação de animais para a alimentação que foi feita pela Funai.

Outro fator importante que justifica o insucesso da introdução destas práticas pela Funai se refere ao fato de não soubermos como criar tais animais. Essa não constitui nossa prática de criação. Até tentamos criar estes animais, mas não deu certo, pois junto com esses surgiam outros animais nas redondezas da aldeia, como sucuri e outros tipos de cobras. A criação de búfalo foi introduzida numa Aldeia Wajãpi onde havia sido feita a pista de pouso de avião. Estes búfalos permaneceram por algum tempo nesta aldeia,

depois mataram todos os animais porque estavam indo para as roças quebrar manivas, bananas e outras plantas que cultivamos na roça. Os urubus acabaram matando todos para comer.

A Funai chegou a trabalhar conosco na TIW até recentemente quando ocorreu a reestruturação, entrou em crise e se distanciou. Com os últimos concursos da agência surgiram modificações dentro da TIW. Os novos funcionários tentaram trabalhar com os veteranos, mas não deu muito certo porque os antigos ainda promoviam certa discriminação com os indígenas. Posteriormente todos foram embora para a cidade, lugar em que estão acostumados a viver, acredito que por não haver na aldeia barulho de carro e nem de avião os estimulou a irem embora.

Os primeiros funcionários da Funai que começaram a trabalhar com os Wajãpi foram Fabrício e Paulo. Chegaram a pé até nossas aldeias, caminhando grande distância, tiveram que enfrentar as altas montanhas. Como não conseguiram chegar até onde queriam, pediram para alguns Wajãpi irem até as aldeias distantes avisar que a Funai havia chegado para fazer atendimento de saúde. Assim, 2 dias depois os outros Wajãpi das aldeias distantes encontraram a Funai.

Além da Funai, na década de 1970 os pesquisadores e antropólogos Alan Campbell e Dominique Gallois vieram fazer pesquisas com o povo Wajãpi. Chegaram no começo do contato dos Wajãpi com a Funai, em 1977, quatro anos após a Funai. Alan veio da Escócia pesquisar a cultura Wajãpi e Dominique veio desenvolver seus estudos da Universidade de São Paulo (USP), a partir de então, ambos se tornaram muito conhecidos na TIW. Sa'i Dominique explica sua chegada até o meu povo:

Eu não ia vir para cá, estava indo para os Yanomami, aí eu busquei minha autorização em Brasília, quando encontrei Fiolero junto com o Allan que falou, 'Hah, onde você vai?' Falei, 'Vou para os Yanomami.' Aí o Allan falou para mim, 'Não! Os Yanomami não, você vai pegar muitas doenças, eu estou saindo lá do Amapá, preciso de alguém para continuar o trabalho. Melhor você deve ir lá no Amapá, com o pessoal Wajãpi.' Wajãpi! nunca ouvir falar! Nunca ouvir falar! Ele falou: 'Você vai lá pro Amapá, tem Wajãpi.' Eu nunca ouvi falar de Wajãpi. Aí depois passei o dia inteiro conversando com Fiolero, eu combinei com ele, marcamos data, aí ele disse que vinha me buscar na Serra do Navio. Aí assim que fiz. Primeira vez eu vi com meu marido, você sabe.

A antropóloga disse-me também que "Daquele primeiro tempo era mestrado. Você conheceu meu trabalho, eu tinha estudado muitos documentos no arquivo de Belém e muitos outros arquivos sobre história antiga dos Wajãpi, então eu queria saber como que vocês contavam a história." Desde então, Sa'i pesquisa conosco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem um significado singular para mim, embasará as aulas aos meus alunos e possibilitará também ensinar meus filhos e netos. Desenvolvi este estudo para que pudesse ser utilizado nas escolas do meu povo Wajãpi e para que registrasse as memórias dos antigos. Para meu povo esse estudo é muito importante, porque nele está registrado as memórias dos antigos sobre a relação com o indigenismo brasileiro da Funai. Nosso povo, nossos alunos poderão ler o trabalho e compreender como os Wajãpi, de cada região particularmente – Inipuku, Aruwa, Pypyny e Karavôvô –, se relacionaram com a chegada da FUNAI. Encerrar esta pesquisa me permite concluir definitivamente meus estudos no CLII.

Até o desenvolvimento deste trabalho não sabia como a Funai chegou até nós Wajãpi, os motivos que embasaram sua chegada e nem como ela passou a atuar em nossas aldeias. Acredito que percorrer este caminho fortalece-me enquanto um bom professor de História e Ciências Humanas, pois poderei transmitir aos mais jovens as memórias que os narradores compartilharam comigo. As novas gerações desconhecem a história que envolve nosso povo e a Funai, não sabem quando e nem como o órgão indigenista chegou entre nós. Talvez o maior contributo deste estudo seja possibilitar que os jovens compreendem a nossa história recente, que a sociedade Wajãpi e o movimento indígena Wajãpi dialogam e, por vezes, confrontam-se com as políticas de atuação do indigenismo brasileiro no Amapá e norte do Pará.

Enfrentei muitas dificuldades para desenvolver este estudo. Em muitos momentos minha agenda de trabalho como liderança indígena não me possibilitou encontrar espaço para promover meu trabalho com a minha orientadora, pois sou um dos líderes jovens em minha aldeia. Não conseguia sentar literalmente com a professora para ver o trabalho, sempre tínhamos que fazer tudo “correndo”. Constantemente viajo, seja para Brasília ou para outros lugares do mundo, sou conselheiro do grupo de Mudança Climática da Amazônia, no Ministério do Meio

Ambiente/Brasil e, por esta responsabilidade, pouco estava em minha aldeia ou em minha casa, por vezes ficava duas ou três semanas fora de casa em Brasília. Ressalto que todo este esforço pessoal e familiar é para o meu povo e em prol dos povos indígenas no Brasil e no mundo.

Em alguns momentos imaginava que nunca iria terminar meu trabalho, mas agora, em um último esforço, consegui finalizar e agradeço à Janejarã. Pretendo, num futuro próximo, dar continuidade a este estudo, para melhorá-lo e para continuar realizando pesquisas com outros sábios Wajãpi que não tiveram oportunidade de contribuir e falar sobre a nossa história recente com a Funai. Tenho consciência que este trabalho, de fato, nunca vai terminar e, que, temos muito ainda para registrar e escrever. Precisamos elaborar mais livros, conhecer ainda mais através de pesquisas o que vivenciamos com os não índios e com o indigenismo brasileiro. Eu sei que meu povo vai continuar, como sempre o fez, a contar suas histórias, fazendo-as emergir das lembranças e memórias dos mais velhos. Enquanto professor-pesquisador Wajãpi, tenho o dever de contribuir para o fortalecimento dos saberes e conhecimentos do meu povo.

FONTES ORAIS

GALLOIS, Dominique. **Entrevista concedida a Viseni Wajãpi na Aldeia Aramirã II**, agosto de 2017.

WAJÃPI, Ajareaty. 54 anos. **Entrevista concedida a Viseni Wajãpi na Aldeia Aramirã II**, 2016.

WAJÃPI, Joapirea. 50 anos. **Entrevista concedida a Viseni Wajãpi na Casa de Atendimento à Saúde Indígena (Casai) em Macapá**, setembro de 2016.

WAJÃPI, Seremete. 73 anos. **Entrevista concedida a Viseni Wajãpi na Aldeia Aramirã II**, dezembro de 2014.

WAJÃPI, Waiwai. 82 anos. **Entrevista concedida a Viseni Wajãpi na Aldeia Mariry**, setembro de 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIBEIRO, Darcy. **As etapas da integração**. In: _____. Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 254 – 271.

PROTOCOLO DE CONSULTA E CONSENTIMENTO WAJÃPI. Macapá: Rede de Cooperação Amazônica – RCA/Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – IEPÉ, 2014.